

Mercantilismo de Trump é o pior de todos

As práticas comerciais desleais dos outros países não são o principal motivo do déficit dos EUA e enfrentar os desequilíbrios bilaterais é simplesmente uma tolice

Por Dani Rodrik

Valor, 08/05/2025

Quando os economistas celebrarem o 250º aniversário da publicação de “A Riqueza das Nações”, de Adam Smith, no próximo ano, terão um pano de fundo bem incongruente com o mercantilismo do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Afinal, a obsessão de Trump pelas balanças comerciais bilaterais, a glorificação das tarifas alfandegárias e a abordagem de soma zero ao comércio internacional ressuscitaram - em desafio aos ensinamentos de Smith - o pior das práticas mercantilistas.

Os economistas acertam ao criticar as políticas comerciais de Trump. As práticas comerciais desleais dos outros países não são o principal motivo do déficit comercial dos EUA e enfrentar os desequilíbrios comerciais bilaterais é simplesmente uma tolice. Embora o déficit comercial tenha influenciado no declínio industrial dos EUA, está longe de ser o fator mais importante. Além disso, o déficit permite aos consumidores e investidores americanos captarem crédito barato - um privilégio que a maioria dos demais países adoraria ter.

Na realidade, o mercantilismo nunca esteve tão morto quanto pensavam os economistas nem é necessariamente tão equivocado quanto eles insistem em dizer. Graças aos seguidores de Smith, o laissez-faire e o livre comércio com frequência ganharam a preferência dos países líderes, mas outros países que tentavam se equiparar às economias de ponta normalmente adotaram uma estratégia mista.

Por exemplo, Alexander Hamilton, nos EUA, e Friedrich List, na Alemanha, rejeitaram explicitamente as ideias de Smith e defenderam a proteção às importações para desenvolver indústrias ainda nascentes. O economista argentino Raúl Prebisch e outros da “escola da dependência” acreditavam que países em desenvolvimento deveriam proteger sua indústria da concorrência externa. E alguns dos países que seguiram os conselhos deles, como Brasil, México e Turquia, viveram décadas de rápido crescimento econômico.

De forma similar, os governos do Leste Asiático promoveram uma mistura de abordagens mercantilistas e smithianas, alavancando as exportações e a iniciativa privada, mas muitas vezes protegendo-as com barreiras comerciais. O resultado foi o que muitos consideraram um milagre econômico. Embora poucas dessas autoridades se identificassem explicitamente como mercantilistas, o “desenvolvimentismo” que defendiam compartilhava muitas de suas características.

A diferença fundamental entre as abordagens smithiana e mercantilista deriva de como tratam o consumo e a produção. A economia moderna segue a trilha de Smith ao pensar no consumo como o objetivo final da atividade econômica. Smith contestava os mercantilistas ao argumentar que “o consumo é o único fim e propósito de toda produção”, observando que “o interesse do produtor deve ser atendido apenas na medida em que for necessário para promover o do consumidor”.

Os mercantilistas, por outro lado, enfatizam instintivamente a produção e os empregos. O que um país produz importa. É absurdo sustentar, como certa vez disse um assessor de George H. W. Bush, que não há diferença entre produzir batatinhas “chips” e chips de computador. Além disso, uma vez que a produção - em especial de bens industrializados - se torna a prioridade das autoridades, a ideia a seguir é que um superávit comercial é preferível a um déficit.

É possível reconciliar essas duas perspectivas se incluirmos as diversas falhas de mercado à narrativa convencional dominante. Os smithianos de hoje reconhecem que as autoridades não devem ser indiferentes à estrutura da produção quando certas atividades industriais geram externalidades tecnológicas ou enfrentam problemas de coordenação. O ponto de partida de cada um, contudo, também importa. A menos que haja evidências fortes e convincentes em contrário, um economista convencional em geral se opõe a “escolher vencedores”.

Suas políticas comerciais caóticas e indiscriminadas pouco fazem para expandir investimentos estratégicos cruciais nos EUA, e estão repletas de clientelismo, isentando empresas que têm conexões políticas e permitindo que elas manipulem o sistema

Por outro lado, alguém com uma inclinação mercantilista ou desenvolvimentista não hesitará em fazer escolhas sobre o que produzir e como. A questão é: quem tem o ônus da prova, pois isso determina se

vamos tratar, por exemplo, as políticas industriais no estilo do Leste Asiático como normais ou como um ponto fora da curva.

O foco smithiano dos economistas contemporâneos no consumo também os leva a subestimar a importância dos empregos para determinar o bem-estar. Na “função utilidade” padrão usada pelos economistas para caracterizar o comportamento do consumidor, os empregos são um mal necessário: eles criam poder de compra, mas têm valor negativo, pois reduzem o tempo de lazer. Na realidade, porém, os empregos são uma fonte de significado, de autoestima e de reconhecimento social. A falha dos economistas em reconhecer os custos pessoais e sociais da perda de empregos os tornou insensíveis às consequências do choque comercial com a China e da automação.

Outra grande diferença gira em torno da relação do governo com as empresas. Smith acreditava que um dos defeitos do mercantilismo era promover relações de proximidade entre as autoridades e o setor privado, o que era uma receita para a corrupção. A economia contemporânea levou esse aviso a sério. Os modelos de economia política e da chamada busca de renda enfatizam a importância de manter as empresas à distância das autoridades.

No entanto, em muitas situações - como inovação em novas fronteiras tecnológicas, políticas industriais verdes ou desenvolvimento regional - relações próximas e iterativas entre governos e empresas têm mostrado grande sucesso. Há boas razões para isso. Embora manter distância possa minimizar o risco de captura, também dificulta o aprendizado sobre os empecilhos e as oportunidades, e sobre o que está funcionando e o que não está. Quando há grande incerteza (seja tecnológica ou de outro tipo), trabalhar de perto com empresas pode ser preferível a manter uma separação estrita.

Cada perspectiva tem seus próprios pontos cegos. Os mercantilistas associam com demasiada facilidade os interesses dos produtores, em especial os bem conectados ao Estado, ao interesse nacional. Os filhos intelectuais de Smith, por sua vez, minimizam a importância da produção e do emprego, e ignoram as vantagens da colaboração público-privada. Uma boa política econômica, muitas vezes, é uma questão de encontrar a combinação certa.

Nada disso, é claro, valida a abordagem de Trump. Suas políticas comerciais caóticas e indiscriminadas pouco fazem para expandir investimentos estratégicos cruciais nos EUA, e estão repletas de clientelismo, isentando empresas que têm conexões políticas e permitindo que elas manipulem o sistema. Não haverá um lado vantajoso no mercantilismo de Trump, porque ele incorpora os piores defeitos dessa estratégia. **(Tradução de Sabino Ahumada)**

Dani Rodrik, professor de economia política internacional na Harvard Kennedy School, foi presidente da International Economic Association e é autor do livro a ser publicado “Shared Prosperity in a Fractured World: A New Economics for the Middle Class, the Global Poor, and Our Climate”. Copyright: Project Syndicate, 2025.